

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de I. DA SILVA GRACA, Litter.

Dirêtor: ACACIO DE PAIVA



EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

SERVIÇOS DA CAMARA MUNICIPAL



ZÉ POVÃO — Chamo a atenção de V. Ex.^a para a porcaria das ruas...
 A CAMARA — Bem sei, vou providenciar energicamente, mudando-lhe o nome!

PALESTRA AMENA

POLITICOS

Aquilo lá pela Grecia está bonito, não haja duvida. Quando nós supunhamos levar a palma em falta de juizo, eis que os helenos começam a fazer tolices e lá passámos nós para segundo plano e até para plano muito mais inferior, se o progresso n'este caso está na razão inversa da sucessão dos planos.

Bem se vê que a Grecia teve só sete sabios e entre eles nenhum foi da força do Antonio Cabreira, emquanto que nós temo-los a dar-lhe com um pau!

Sim, porque a razão da trapalhada da Grecia, pelos aliados com um rei contra os aliados, neutral com guerra dentro de portas, obedecendo a todas as imposições externas, entregando a esquadra submissamente, etc., etc., acaba o nosso simpatico amigo Venizelos de a dizer: é que na Grecia não ha politicos.

Não sabemos se leram bem e se meditaran o alcance da afirmação: na Grecia não ha politicos, isto é, faltalhes precisamente o que nós temos em mais abundancia, qualquer que seja o regimen que nos governe. A bem dizer o numero de politicos em Portugal é igual ao numero dos seus habitantes, orçando por uns seis milhões na totalidade. E como todos somos politicos, aqui quaesquer questões de interesse nacional ou internacional, porque a politica é ciencia que se prende com todos, encontram immediatamente quem as resolve com facilidade; não ha pão, logo os politicos resolvem esperar que o trigo estrangeiro chegue a um preço e evado para o comprar e comprado ele os politicos distribuem-no... politicamente; ha crise de papel, logo se deixam estar a aboborar muitas toneladas d'ele e por fim distribuem-o... politicamente; falta o açúcar, deixa-se, politicamente, que o nosso açúcar de Moçambique vá adoçar bôcas estrangeiras e dá-se um *bonus* de 50 por cento nos direitos, como premio, ao resto com que nos obsequieiam; falta dinheiro aos particulares, aparece-lhes o agiota a favorecer-los e até a obrigar-se, politicamente, nas repartições do Estado... E assim, por diante, graças á abundancia de politicos, tantos que chegam a sobrar, de maneira que poderíamos fornecer o excesso á Grecia, mesmo gratuitamente.

Nós ficariamos mais aliviados e a Grecia livre d'uma penhora.

João Neutral.

Um cunhado d'ele...

—O' Procopio, tu não tens mesmo juizo nenhum! Fumaste tres cigarros em cima do almoço quando o medico te disse que fumasses só um.

—Mas é que eu consultei mais dois medicos e eles disseram-me a mesma coisa.

Isto passou-se com um cunhado do Marques, que lhe pegou a gracinha—por afinidade.

O hino nacional OS DOIS DOENTES DA SEMANA PASSADA

Foi nomeada uma comissão para rever a *Portuguesa*, em vista dos atropêlos que tem sofrido por parte dos filarmônicos, meninos de collegios e outras entidades, estabelecendo-se d'uma vez para todas o modelo oficial, com todas as colcheias primitivas, e penalidades no caso de adulteração e de fífias.

Achamos bem e temos toda a esperança no exito, tanto mais que na comissão se encontra o insigne literato sr. Henrique Lopes de Mendonça, assim como o sr. Luiz Keil, na qualidade de filho do autor da musica.

E já agora ousamos fazer uma indicação, que nos perere oportuna. Se aproveitassem a ocasião para mudar a letra do hino?

Fazendo parte um poeta como o sr. Lopes de Mendonça é facilimo arranjar coisa melhor para acompanhar o canto.



Pelo telefone.

—Estás melhor, Afonso? (Aparte) Ratos te partam!

—Melhor, obrigado. E tu meu caro Camacho? (Aparte) Diabos te levem!

Nova direção geral

Ha quem alvitre para cá a resolução do *maire* de Rennes mandando cultivar batatas n'alguns terrenos municipais. E o caso é que d'esta vez as pessoas sérias, que são as do alvitre, teemos do seu lado, dada a falta de subsistencias indigenas.

Não sabemos qual a repartição por onde correm estes negocios agricolas, tal a barafunda que se estabeleceu com a criação de novos ministerios. Mas seja por onde fôr, desde já propomos: que no Terreiro do Paço se semeiem batatas, nas ruas da baixa se plantem couves galegas, feijão carrapato e outras hortaliças de mais consumo, na Praça de D. Pedro tomateiros, salsa, coentro e mais cheiros e pe a Avenida arvoreds de macarrão e paios de Castello de Vide.

E ha ocasião de criar alguns logares não só de hortelão como tambem de fiscal: o fiscal dos caracoes, o das lagartas, o dos pardais, etc. E' claro que se impõe uma nova direção geral: a direção geral das hortaliças e comestiveis anexos.

Pensem bem e verão que já se teem posto em pratica ideias mais tolas.

ADVINHAÇÕES POPULARES



Um pae baboso para as visitas:

—O meu pequerrucho é intelligentissimo. Vão ouvir. Filho: qual é coisa qual é ela que alta está, alto mora, todos a veem e ninguem a adora?

O petiz, prontamente:

—E' o ministerio do Trabalho.

O tamanho do pão de Lisboa



Em casa do dentista.

—Tenha a bondade de me extrair este pão de vintem que hoje ao almoço me ficou entalado nos dentes...

Tem graça

Recebemos o soneto que em seguida transcrevemos e que merece a publicação—literariamente falando.

Em resposta o nosso diretor está improvisando ha dias um soneto de escacha, que infelizmente ainda hoje não pôde sair á luz porque lhe faltam alguns tercetos.

Mas não perde por esperar, o maroto do Jorge Manuel!

EM DESAFIO

(4 *Acacio de Paiva*)

O ESPERANTO

Acacio, não mereces o soneto
Porque te tens portado muito mal.
Tens ajudado a cálla postal
Que tenta pôr o Esperanto no esqueleto.

Porque se atiram tanto á Societo?
Não deve este palz ser cordeal?...
Precisas de pladas p'ra o jornal...
Mas eu no que não sei não me intrometo.

E tu sabes o Esperanto?

O meu regalo
E' que a troça por muito que nos mote
Ao Esperanto não consegue dar abalo;

Pois a lingua do grande Zamenhof
Ha-de entrar-te lá dentro até ao bofe
E quer queiras quer não has-de gramá-lo.

Jorge Manuel

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para os alunos dos liceus)

Animas nossos amigos—O cão

O cão, meninos e meninas, é em geral um animal quadrupede que se distingue dos outros, principalmente porque ladra; é certo que, se atendermos sómente a esta propriedade ele se confunde com a cadela, mas sabem muito bem que ha outros requisitos que o distinguem d'esta ultima, como seja, por exemplo, a faculdade de ter cachorros, o que para um cão seria impossivel.

A qualidade mais universalmente reconhecida no cão é a da fidelidade, no que se mostra muito superior ao homem e, sobretudo, á mulher. E' um guarda fiel, sem duvida; no entanto não aconselho ninguém a que lhe dê a guardar um pedaço de carne, doce, manteiga e outros generos de mercearia, porque se arriscaria a uma desilusão; é do conhecimento geral que, por exemplo, a manteiga em fociinho de cão tem uma existencia efemera.

Esse pequeno defeito e o de, quando se dana, se atirar seja a quem fôr, não empana, comtudo, a gloriosa aureola que o tem cercado desde os tempos mais remotos. Lembro-me, entre outros, do cão de Alcibiades, que permitiu que este lhe cortasse o rabo só para que o dono se celebrisasse, os cães de Carnide, que em todos os tempos tiveram fama não se sabe bem por que razão, o cão do Freire gravador, que era um tipo de beleza, o cão da poesia *Fiel*, de Guerra Junqueiro, que até salvou da asfixia o gorro de um pintor e um certo cão *Piloto*, notavel por ter sido companheiro do menino da mata.

Os cães tem alguns habitos caracteristicos que não me parece conveniente imitar, mas que bem mostram que estão mais perto da natureza do que nós e que o convencionalismo da civilização ainda lhes não adulterou a innocencia. Assim, este costume inexplicavel de apertarmos as mãos uns aos outros para nos cumprimentarmos é n'elles substituido por um farejar que entre nós seria tido como ridiculo; as nossas exigencias de culinaria, não aceitando em geral as substancias alimenticias senão cosinhadas, não as tem o cão, que chega ao ponto de comer coisas perfeitamente *au naturel*; este recato que usamos no amor, não o conhece o cão, que ama em plena liberdade, sem intervenção do registo civil nem da Igreja...

E por aqui me fico, reservando para outra conferencia o gato e diversos bichos que tambem fazem favor de ser nossos amigos.

Bonaparte
(Aluno do liceu Camões)

Coisas de familia

—Vamos, Carlinhos—diz o Marques ao seu petiz—está quieto! Não sei de que demonio terá este rapaz herdado tão mau caracter!

—De mim não foi! exclama a mamã.

—Bem sei—replica o papá. Tu conservas o teu... em toda a sua integridade.

STUART CARVALHAES

E' este o pae do «Quim» e do «Manecas», Da tia «Leocadia», cão «Piloto», Do «Pé Fatal», que tanto deu no goto E diversos bonecos e bonecas.

Boemio desde o fundo das cuecas A' copa do chapu coçado e roto, Fumando pontas, dando o seu arrote, Tem posto a nu muitissimas carecas,

Não ha criança alguma portugueza Que não lhe deva ao menos um sorriso Por invenções de toda a natureza.

Para vencer tem tudo o que é preciso: Graça, talento, sorte, madureza, Tudo! Falta-lhe apenas ter juizo.

BELMIRO

Convivio aristocratico

Poucas vezes um governador civil de Lisboa tem sido cumprimentado, na cerimonia de posse, por tanta gente como o atual. Os nomes dos que assistiram e assinaram o respetivo termo encheram uma coluna, pelo menos, dos jornais, sacrificando-se-lhe outro original, o que revela a importancia d'aquela cavalheiro n'estes tempos de escassez de papel, em que o espaço nos periodicos é precioso.

Por mais que matutassemos só encontramos uma explicação para o caso e é o chamar-se Luiz Fidalgo o novo governador civil.

Isto d'um republicano ir para casa e dizer á familia que convive com fidalgos sempre é d'um certo efeito na presença das criadas.

Boa resposta

—Olhe lá, ó senhor, o que é o acido prussico?

—E' o que os prussianos deviam tomar em vez de cerveja.

PAPEL BARATO

O proprietario d'um jornal com es exemplares de tiragem, contemp'ado na distribuição de papel livre de direitos: —Até que enfim me posso limpar por pouco dinheiro!

Em

Foco

**Franqueza de doente**

—O senhor deve comer pouco e beber só vinho. Nada de coisas alcoolicas. Só vinho!

—Sim senhor.

No dia immediato:

—Fez o que lhe disse?

—Sim senhor.

—E bebeu vinho só?

—Não senhor, bebi-o diante de minha mulher.

Tratamentos

—Tua mulher está doente.

—Está.

—Ha muito?

—Ha quatro mezes.

—Com o demonio! Deves ter gasto um dinheirão.

—Nem por isso. Quando ela está de saude é muito peor, porque se trata a chapeus de dez libras e a vestidos de trinta.

Aduzindo razões

O padre levanta a cabeça e pergunta ao pai do menino:

—Que nome se põe á criança?

—Terceiro.

—Terceiro? Isso não pode ser.

—Não sei porque. Ao meu primeiro filho puz-lhe o nome de Primitivo e não houve opposição. Ao outro, chamei-lhe Segundo e nada me objetaram. Não vejo razão para que este não possa chamar-se Terceiro.

O DUELO QUIM-MANECAS



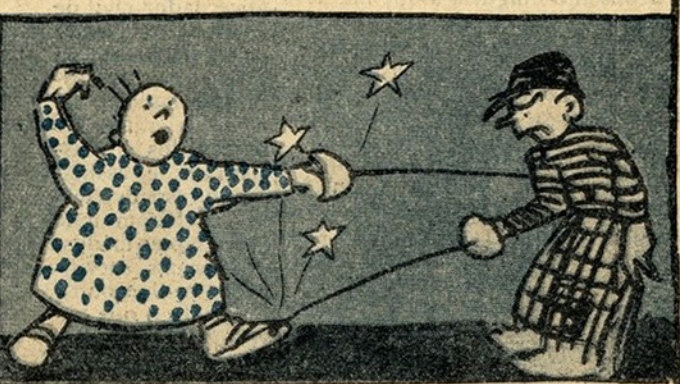
1.—Manecas medita como entender-se com o primo por este andar a bater-se com a sua namorada



2.—e resolve ir desafiar o Quim para um duelo onde disputem qual dos dois se deve atirar á dama.



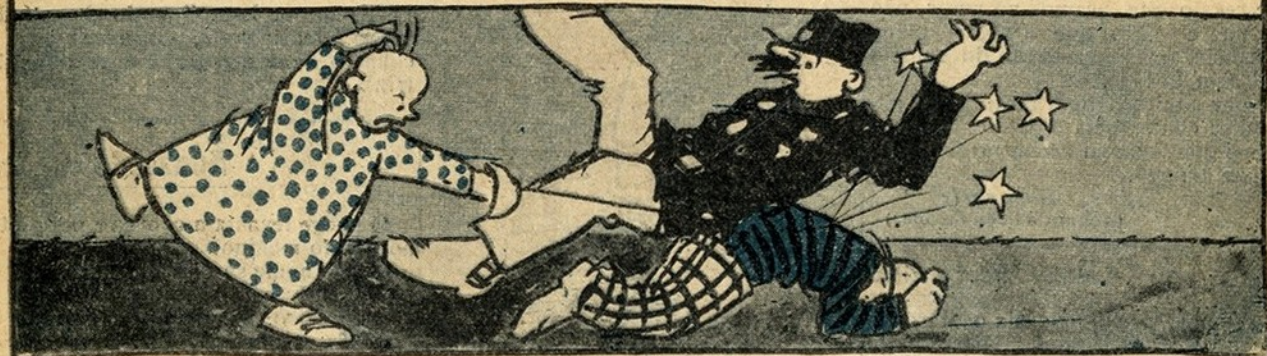
3.—Nos seus aposentos trata de desenvolver-se para levar a melhor, e sair vitorioso.



4.—Porém no primeiro assalto, á luz da lua, ambos são tocados e nada se resolve.



5.—Manecas entusiasma-se e ataca a fundo o seu adversario que, já a custo, tem evitado varios toques,



6.—E com tanta gana expêde o golpe que furá o primo e o policia que tentava evitar a continuação do duelo.